

**A CONFIGURAÇÃO DO PERSONAGEM MÍTICO FADO
NOS CLÁSSICOS *A ILÍADA* E *A ODISSEIA*, DE HOMERO,
E *ÉDIPO REI*, DE SÓFOCLES:
INTERTEXTOS E REFLEXÕES**

Danielle dos Santos Pereira Lima (UERR)

Danielle.lima61@yahoo.com

Geanis Silva Gomes (UERR)

geanissillva@gmail.com

Áurea Ramos Genelhu (UERR)

aurea-ramos@hotmail.com

Huarley Mateus do Vale Monteiro (UERR)

mdmvale72@gmail.com

RESUMO

Este artigo pontua questões referentes à ação mítica do deus Fado nas obras clássicas *A Ilíada* e *A Odisseia*, de Homero e *Édipo Rei*, de Sófocles. Nas obras em questão, o deus Fado é responsável por tramar a sorte tanto dos homens quanto dos próprios deuses. Constata-se na tessitura dos referidos clássicos que, para os gregos da época de Homero, tudo era justificado e explicado por meio do Destino, o responsável pelas tragédias, incestos e adultérios ocorridos entre os gregos. Na sociedade antiga, o oráculo era frequentemente consultado, na tentativa de desvendar o porvir. Na sociedade contemporânea, há resquícios do culto ao Fado. Diversas pessoas acreditam que o futuro já está traçado por uma força superior. Assim buscam respostas para dramas vividos ou mesmo a descoberta de episódios futuros, no horóscopo, na cartomancia, na necromancia e em outros sortilégios. Verifica-se que o homem pós-moderno herdou dos gregos a curiosidade intrínseca de desvendar o porvir. Sob esse prisma, esse trabalho se fundamenta em uma pesquisa bibliográfica realizada em obras de autores como D'Onofrio (2004), Vernant (2000) e outros.

Palavras-chave: Fado. *A Ilíada*. *A Odisseia*. *Édipo Rei*. Homero. Sófocles.

1. Introdução

“O destino conduz o que consente
e arrasta o que resiste”

(Sêneca)

Este artigo tem como objetivo primordial apresentar as intervenções de uma figura mitológica que fundamenta o desenrolar das narrativas homéricas e da trilogia *Édipo Rei*: o deus Fado, o insubordinado, o

responsável por tramar a sorte tanto dos homens quanto dos próprios deuses. Auxiliado pelas moiras Cloto, Láquesis e Átropos, o Destino influencia diretamente na vida das personagens. É tanto que as figuras fictícias das obras em questão são como fantoches conduzidos pelo astuto Destino. Constata-se uma luta inglória entre o homem e a divindade, conhecida no Olimpo e na sociedade grega como o deus Fado.

A motivação para este trabalho advém de intrigantes debates na disciplina de literatura clássica, ministrada pelo professor Huarley Monteiro. A turma de letras habilitação em língua portuguesa e literatura, do *campus* de Rorainópolis – RR, foi instigada a problematizar as epopeias *A Ilíada*, *A Odisseia*, de Homero e a tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, a partir das relações entre mito e sociedade grega

Segundo D’Onofrio (2004), para os gregos da época de Homero a ideia de livre arbítrio era ignorada. Atribuía-se as tragédias, incestos, guerras e adultérios ao ardiloso Destino. Na sociedade contemporânea há resquícios do culto ao Fado, haja vista que o homem pós-moderno recorre ao horóscopo na tentativa de desvendar o porvir. Há, ainda, os que como Ulisses, em *A Odisseia*, lançam mão da necromancia⁴, acreditando que os mortos conseguem desvendar as artimanhas do sagaz Destino.

Cabe dizer que este trabalho, pautou-se em uma pesquisa bibliográfica, buscando, em um primeiro momento, explicações sobre o que os estudiosos apontam sobre a temática em questão; em outro momento, verificou-se nas obras como a presença do deus Fado traz implicações ao desenrolar da narrativa e, por fim, constatou-se que a predição do destino em *A Odisseia* era através da necromancia; enquanto em *A Ilíada* e em *Édipo Rei* os personagens consultavam o oráculo quando queriam desvendar o porvir.

2. O fado na mitologia grega: a tripla face do destino

Gerado por partenogênese,⁵ o deus Fado, divindade primordial, traça cruéis e irônicos destinos a homens e deuses. Para D’Onofrio (2004, p. 39), o Fado “é uma força cósmica superior à vontade dos ho-

⁴ Suposta arte de adivinhar o futuro mediante a consulta aos mortos.

⁵ Refere-se ao desenvolvimento de um *embrião* sem *fertilização*. São fêmeas que procriam sem precisar de machos que as fecundem.

mens e dos próprios deuses, [simbolizando] a necessidade de manutenção da ordem do universo.” Nas obras *A Ilíada*, *A Odisseia* e *Édipo Rei*, em vão lutam homens e deuses contra os desígnios do destino: os que consentem são conduzidos em suas jornadas pelo destino; os que resistem são arrastados inexoravelmente, sem que possam fugir dos acontecimentos ou mesmo evitá-los pelo poder das escolhas.

O insubordinado Destino trama a sorte das criaturas terrenas e divinas, sob o auxílio de três parcas: *Cloto*, responsável por tecer a vida de cada homem; *Láquesis*, incumbida de medir o tamanho do fio, e *Átropos*, encarregada de cortar o fio da existência humana (D’ONOFRIO, 2004). Outra ajudante do Fado seria a Fortuna (Tiquê) a dirigente da sorte humana. Sob esse prisma a longevidade da vida ou a morte prematura depende da pretensão das moiras, de sorte que cada ancião é tido como um ser agraciado pelos favores das parcas e os que morrem cedo decerto não alcançaram o beneplácito das divindades.

A tessitura das obras em questão aponta temáticas como: a incompletude humana, princípios de virtude, de moral e ética e outras problemáticas. A relevância das obras homéricas é tanta que para D’Onofrio (2004) foi Homero quem teceu o mundo espiritual dos gregos, suas crenças e percepções. A partir daí o homem grego redimensionou suas concepções de espírito e alma, na medida em que distanciava a influência dos deuses sobre as ações humanas. Era já o pensamento racional substituindo o mitológico.

Cabe asseverar que o ardiloso Fado transcendeu épocas e diversas sociedades, e ainda está fortemente presente na sociedade contemporânea mesmo que de modo multifacetado, seja na quiromancia⁶, na cartomançia⁷ ou outras formas de decifração do futuro ou presságios. Nesse enfoque, não foi só no período arcaico que a ideia de Fado, como deus supremo, se apresentou na literatura. No período ático, a concepção de Destino, também, foi evidenciada na obra sofocliana *Édipo Rei*, e na sociedade pós-moderna o inovador José Saramago, em *Caim*, extrai do passado mítico a ideia de Destino, como o deus egocêntrico e invejoso que tece um cruel destino para suas criaturas.

⁶ Método de interpretar o futuro através de sinais supostamente presentes nas linhas das palmas das mãos.

⁷ Prática de adivinhar o futuro a partir da interpretação de cartas de tarô.

Mesmo em uma sociedade marcada pelo avanço tecnológico, com inúmeras conquistas no campo biomédico, como a do tempo presente, não consegue se desvencilhar totalmente da ideia de imponderável, da crença na existência de fatos inevitáveis: ainda é possível, sem muito esforço, encontrar-se pessoas que rejeitam amores por acreditarem na incompatibilidade de signos; há empresários que não concluem negociações sob a justificativa de que o mapa astral não apontava para eventos propícios. E segue uma lista de credos na força do destino: não comprar uma casa porque à noite sonhos trouxeram o prenúncio de tragédias; não viajar por ter acordado com uma “sensação ruim”; não colocar certos nomes em crianças para não atrair sobre ela a má sorte; e diante de acontecimentos nefastos ser tomado pelo sentimento oportunista de “eu já sabia”.

Como se vê o Fado ainda tem crentes na força de seu poder. Na sociedade contemporânea capitalista a ideia de destino ganhou força mercadológica, tornou-se produto consumível que gera lucro para os seus disseminadores: nas revistas e periódicos (impressos ou digitais) há sempre o espaço cativo para os horóscopos; no meio televisivo a cada final de ano os programas são recheados de babalorixás e pais e mães de santo que supostamente predizem se o ano vindouro será auspicioso ou trágico na maior parte do seu discurso.

3. O deus Fado em *A Ilíada*: análise e discussões

Na tentativa de desvendar a posteridade, os gregos consultavam o oráculo, adivinho responsável por revelar enigmas do futuro humano. O oráculo é citado por diversas vezes em *A Ilíada*. No canto I, da aludida obra, o adivinho Calcas revela que a peste, provocada pelas setas de Apolo, está relacionada com a ofensa sofrida pelo sacerdote Crises. Para aplacar a ira do deus, os gregos deveriam restituir Criseida ao pai. Só assim as flechas mortais de Apolo deixariam de dizimar os aqueus e seus animais. Ainda no canto I é evidenciada a presença do oráculo quando, segundo D’Onofrio (2004), Ulisses lembra as predições do adivinho de que Troia seria assolada após dez anos de guerra.

Segundo Vernant (2000, p. 25), em *A Ilíada*, o adivinho prediz à Hécuba e ao rei Príamo: “esse filho será a morte de Troia, sua destruição pelo fogo e pelas chamas.” Na tentativa de impedir que o destino se cumpra, o casal exilam Páris. Entretanto, de nada adiantou tal atitude, pois, influenciado pela deusa Vênus, Páris tem um relacionamento adúl-

tero com Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta. Esta união foi o cerne da guerra de Troia, que causou desgraças e mortes a gregos e troianos. Veja o excerto:

Calou-se Heitor, e meiga Helena fala:
“Oxalá, bom cunhado, eu fenecera
Nas entranhas maternas, ou que a brenhas
Um tufão me arrojara, ou me afundira
No flutíssonno mar, de horríveis danos
Para não ser a abominanda causa,
Nem perpetrar sem pejo infâmias tantas!
Mas, já que o fado o quis, eu fosse ao menos
Mulher de um bravo, a quem doesse o opróbrio,
E o motejar dos homens: sem firmeza”.

(HOMERO, p. 159).

O interessante é que mesmo sendo o principal pivô da guerra de Troia, Helena é isenta de qualquer culpa. Homero deixa claro que Páris e Helena foram vítimas do Destino, o culpado pelas desgraças humanas e divinas. Pois quem poderia, por mais astuto que fosse, fugir do inevitável, ou ludibriar o ardiloso Fado, que jamais deixava de cumprir qualquer dos seus desígnios: por exemplo, quando ele traçava o nascimento, a vida, os amores, as perdas e a morte do homem, a partir dali os eventos sucediam inapelavelmente, não havia como negociar, restava apenas consentir com o estabelecido ou, caso recalcitrasse, ser forçado por uma força indomável a cumprir a vontade do destino.

Verifica-se que na sociedade grega o Oráculo era regularmente consultado. Na sociedade contemporânea, diversas pessoas buscam prever acontecimentos de sua vida ou mesmo compreender a personalidade de alguém a partir do horóscopo, presságio obtido por meio da observação dos astros celestes, considerando a hora, dia e mês do nascimento do indivíduo. O termo advém do grego *horoscopus* e significa círculo de animais.

Atribui-se aos caldeus a primeira versão do zodíaco (séc. VII a. C.), que servia de guia para o plantio das lavouras. Eles o usavam como artifício para prever as cheias dos rios e outros fenômenos naturais. A simbologia do horóscopo era entendida como o grande cinturão celeste que marcava a trajetória do Sol na época do seu surgimento. Os signos eram simbolizados através das constelações notificadas durante o percur-

so solar.⁸

A versão atual do horóscopo, datado do século V a. C, é resultante do agrupamento dos saberes babilônicos, egípcios e gregos. A influência grega é evidenciada em alguns dos signos, dentre os quais destaca-se aqui, Touro, forma assumida por Zeus para conquistar uma princesa; Câncer e Leão, animais mortos pelo guerreiro Hércules; e Peixes, criado para lembrar a metamorfose de Afrodite e Eros quando foram perseguidos pelo titã Tífon, que temia a água.⁹

Em pleno século XXI é perceptível a forte influência de certos costumes, crenças e valores cultivados pelos povos antigos. O horóscopo pode ser entendido como uma versão atualizada do oráculo, uma vez que se supõe a possibilidade de obter previsões para cada aspecto da vida, especialmente em se tratado da vida amorosa.

4. O deus Fado em A Odisseia: apontamentos míticos

Sabe-se que em *A Odisseia* é narrado a volta do astuto guerreiro Ulisses (Odísseu) à Ítaca, sua terra natal, onde estavam sua amada Penélope e seu filho Telêmaco. Ulisses era um dos soldados que lutou na guerra de Tróia. É a este herói que cabe o mérito da vitória, pois foi ele quem teve a ideia de construir o cavalo de madeira e presenteá-lo, conhecido como “o cavalo de Troia,” a arma utilizada pelos aqueus para adentrar na cidade troiana.

No canto XI da *Odisseia* é contado o episódio em que Ulisses anseia descobrir o caminho de volta à Ítaca. Assim, instruído por Circe, ele vai ao mundo dos mortos, na baía de Nápoles, a procura do adivinho Tirésias, que já estava morto e era o único ser capaz de lhe ensinar o caminho de volta ao lar. Ulisses, dessa forma, empreende uma jornada ao reino de Hades, o reino dos mortos, do qual ninguém voltara. Ainda que ameaçado pelos perigos, o navegador necessita ser astuto para manipular Tirésias, que não se mostra disposto a colaborar. Enquanto destinador, segura o cordeiro que seria dado em sacrifício e intimida o fantasma, dizendo-lhe que somente ofereceria o animal após saber o caminho de vol-

⁸ Conforme: <<http://pt.horoscopofree.com>>.

⁹ Ver. *Mundo estranho*. Disponível em: <mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiu-o-horoscopo>.

ta, o que obtém. Veja:

E ao só Tirésias
Preto carneiro consagrar sem mancha,
Flor dos nossos rebanhos
De espada arredo os mortos, que não bebam
Sem que eu tenha o adivinho interrogado.
De áureo cetro,
A alma aparece do Tebano cego,
Reconheceu-me: “Ao claro Sol fugindo,
Ai! vens a estância visitar funesta?
Pois da cova te arreda e o gume esconde,
Para que eu beba o sangue e profetize.”
Bebe o vate infalível e começa:
O mel da volta, nobre Ulisses, buscas?
Netuno irado, a quem cegaste o filho
To embarga. A seu pesar, tens de alcançá-lo,
A seres comedido e os companheiros,
Do atro pego arribados à Trinácia,
Onde achareis pastando bois e ovelhas
Do Sol, que tudo vê, que exouve tudo:
Ileso o gado, a custo ireis à pátria;
Ofendido, ao navio agouro a perda,
E a te salvares, tornarás tardeiro,
Só dos consócios teus, em vaso estranho.

(ODISSEIA Canto XI, p. 121-122)

Como era vontade do Destino Ulisses depois de dez anos consegue chegar à Ítaca. Mas para isso, foi preciso o guerreiro consultar Tirésias, no mundo dos mortos. O ato de Ulisses é denominado de necromancia. Verifica-se que necromancia¹⁰ ou nigromancia é a “suposta previsão do futuro através da comunicação com o espírito dos mortos”. Constatase, também, que tal vocábulo é de origem grega e etimologicamente significa: *necro*, morte e *mancia*, adivinhação. Parece que surgiu no período pré-cristão nas crenças entre os povos asiáticos, principalmente os persas. Contudo, também, há referências históricas entre os romanos e os gregos, e os aborígenes americanos. Até mesmo as populares religiões afro-brasileiras têm em seus rituais evocações aos espíritos dos mortos; quando, por exemplo, o sacerdote recebe o espírito de uma entidade, ou seja, de alguém já falecido.

¹⁰ Ver: blogger *Spectrum Gothic*.

Tendo por base o ocultismo¹¹, a prática necromântica supõe que os mortos, por não estarem mais limitados à condição terrena, têm uma percepção mais apurada e, por isso, podem predizer o futuro. Desse modo, acredita-se que através dela é possível elaborar previsões, obter aconselhamentos e orientações. (*Idem*)

Sabe-se que a necromancia não é uma manifestação religiosa, contudo está presente em diversas ramificações do ocultismo como espiritismo e cerimônias xamânicas. Uma das citações históricas mais recorrentes que pode ser interpretada como referência à necromancia está na Bíblia, no primeiro Livro de Samuel, capítulo 28, quando o Rei Saul recorre à feiticeira de En-Dor para comunicar-se com o falecido profeta Samuel.

Por ter ferido os princípios divinos, Saul foi rejeitado por Deus, que não o respondeu no dia em que saiu a guerrear contra os filisteus. Desesperado, o rei buscou auxílio dos espíritos, sendo que ele próprio havia decretado ao povo de Israel para não consultar médiuns ou feiticeiros. Saul consulta o espírito para aconselhá-lo acerca da guerra já que Deus não o respondia, nem por sonhos, nem por urim, nem por profetas. Veja:

... Procurem uma mulher que invoca espíritos, para que eu a consulte

... Invoque um espírito para mim, fazendo subir aquele cujo nome eu disser. [Assim, O espírito prevê o futuro de Saul dizendo]: ...o Senhor entregará você e o povo de Israel nas mãos dos filisteus, e a manhã você e seus filhos estarão comigo...

No capítulo 31 do livro de 1º Samuel o destino de Saul se cumpre: “os filisteus perseguiram Saul e seus filhos, e mataram Jônatas, Abinadabe, e Malquisua, filhos de Saul.” (versículo 2). Após ter sido ferido pelos seus adversários, o rei, ante a visível derrota, suicida-se. Só que a morte de Saul não acontece no dia seguinte, e sim três dias depois do presságio.

Se na sociedade grega a necromancia era tida como algo comum, o mesmo não acontecia entre o povo judaico cristão. Veja que na concepção judaico cristã a necromancia é tida como uma prática abominável aos olhos de Deus e deve ser evitada pelo povo de Israel, como afirma o livro de Deuteronômio, observe o fragmento:

¹¹ Estudo das artes divinatórias e dos fenômenos ditos sobrenaturais como a comunicação com os mortos, a telecinesia, a telepatia, a levitação, a magia, a astrologia; *Ciências Ocultas; Hermetismo; Esoterismo. (Aulete Digital).*

Não permitam que se ache alguém entre vocês que [...] pratique adivinhações, ou se dedique à magia, ou faça presságios, ou pratique a feitiçaria, [...] e consulte espíritos ou mortos. [...] a vocês, o Senhor, o seu Deus, não permitiu tais práticas. (cap. 18, vers: 10-14).

A necromancia, apesar de ser vista como uma aberração, é muito mais frequente nos dias de hoje do que se possa supor, pois atende a uma curiosidade intrínseca ao ser humano: saber o que há do outro lado da vida e, sobretudo, se apresenta como uma das formas de se conhecer o fim a que o homem está destinado.

5. O deus Fado na tragédia sofocliana *Édipo Rei*

Na obra *Édipo Rei*, do autor Sófocles, o oráculo é consultado três vezes, e o destino das personagens é desvendado. O primeiro, a consultar o oráculo foi Laio. Após Laio ter seduzido Crísipo, e o jovem ter se suicidado, o rei Pélops, pai de Crísipo amaldiçoou Laio dizendo que morreria sem deixar descendentes, se caso tivesse filhos esse mataria o pai e casaria com a mãe. Laio assustado com a maldição foi consultar o oráculo, que confirmou o Pélops havia dito. Depois de alguns anos longe do reino de Pélops Laio casa-se com Jocasta.

Laio e Jocasta, rei e rainha de Tebas, diante de um casamento estéril, decidem consultar o adivinho Delfos. Laio vai até Delfos, pedir orientações do que fazer para ter filhos. Mas ao invés de lhe dá direcionamentos o oráculo prediz um destino terrível: “se tiveres um filho, ele te matará e se deitará com a mãe.” (VERNANT, 2000, p. 165).

Diante da predição, Laio e Jocasta tentam tomar bastante cuidado para não ter filhos. Contudo, em um descuido a rainha engravida e dá à luz a um menino. Logo, encarrega o pastor da morte da criança. Não tendo coragem, achou por bem, entregá-lo aos reis de Corinto, Pólibo e Peribeia, casal que não tinha filhos.

Verifica-se, ao longo da narrativa, que Édipo é criado pelo casal como um legítimo herdeiro. Entretanto, quando jovem houve insinuações de algumas pessoas, de que não seria filho biológico dos reis de Corinto. Diante, das indiretas, Édipo resolve ir consultar ao oráculo Delfos, o qual lhe prediz que mataria o pai e desposaria a mãe. Desesperado, resolve fugir de Corinto e ir para Tebas. Na tentativa de driblar o Destino, acaba indo ao encontro do que lhe fora determinado antes mesmo do seu nascimento. Como o oráculo tinha predito, Édipo mata o pai e casa com a mãe Jocasta, e, ainda, tem quatro filhos irmãos com a rainha.

Note que Édipo e Jocasta foram vítimas do Fado. O Fado que, na ótica grega, jamais deixava de se cumprir. Diante de suas práticas incestuosas, Jocasta se suicida e Édipo vaza os olhos.

O destino também intervém na obra “Édipo em Colona,” continuidade da história de Édipo. Na obra, “um oráculo dissera que a cidade que possuísse a tumba de Édipo seria protegida pelos deuses.” (D’ONOFRIO, 2004, p. 74). Assim, sobressai o seguinte questionamento: seria uma forma de os deuses recompensarem Édipo, depois de um Destino tão terrível, horrendo e trágico?

6. Considerações finais

A partir da leitura e reflexão sobre as aludidas obras, constatou-se que os personagens seguiam em direção ao cumprimento de seu destino, uma vez que não haviam meios que pudessem usar para mudar o porvir, pois tudo conspirava para a realização do que fora determinado. Cabe dizer que apesar de tais obras serem permeadas de mitologia são relevantes, pois muito do que se sabe sobre a sociedade clássica é por meio do que produziu Homero, em *A Ilíada* e *A Odisseia*. Assim, ler tais obras significa voltar ao passado e entender um pouco de como era organizadas as condutas sociais, quais os valores cultivados, bem como, perceber de que modo essas relações se transfiguram nas sociedades contemporâneas.

Verificou-se que a mitologia grega ainda está presente na contemporaneidade e isso se clarifica através de presságios como necromancia e horóscopo, meios que os indivíduos utilizam para saber de antemão eventuais mazelas ou a sorte que lhes sobrevirá.

Cabe instigar o leitor com as seguintes reflexões: o que ainda há de grego no homem contemporâneo? O que leva o ser humano a querer desvendar seu destino? Ler e refletir sobre as obras *A Ilíada*, *A Odisseia* e *Édipo Rei* seria uma forma de o homem moderno se auto compreender enquanto sujeito ético, político, portador de cultura e de credíncias?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D’ONOFRIO, G.; DEGUTIS, L. C. Preventive care in the emergency department: Screening and brief intervention for alcohol problems in the emergency department: A systematic review. *Academy of Emergency Medicine*, vol. 9, p. 627-638, 2004.

Etimologia da palavra horóscopo. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/horoscospos>>. Acesso em: 24-11-2013.

HITCHCOCK, Roswell D. (Ed.). *Bíblia de estudo temas em concordância*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

HOMERO. *Odisseia*. Trad.: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril, 1978.

_____. *Ilíada*. Trad.: Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Abril, 2009.

Horóscopo. In: *Infopédia*. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hor%C3%B3scopo>>. Acesso em: 30-10-2013.

Horóscopo. Disponível em: <<http://pt.horoscopofree.com>>. Acesso em: 24-11-2013.

Necromancia. *Blogger Spectrum Gothic*. Disponível em: <<http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/ciencias/necromancia.htm>>. Acesso em: 23-11-2013.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. Trad.: Rosa Freire d'Aguiar. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.